

MÁRCIO POCHMANN

"Atual recessão tem um perfil diferente"

Página 6

ENTREVISTA: MÁRCIO POCHMANN, PROFESSOR DE ECONOMIA DA UNICAMP

"Esta é a pior crise da história"

Para o economista Márcio Pochmann, a atual recessão tem um perfil diferente das vividas no passado

FERNANDO SOARES

fernando.soares@pioneiro.com

Presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) entre 2007 e 2012 e professor da Universidade de Campinas (Unicamp), o economista Márcio Pochmann constata que a retração vivida pelo Brasil tem um perfil diferente das vividas em décadas passadas, pois já se arrasta há mais de dois anos consecutivos.

Doutor em Economia do Trabalho e especializado em temas como sindicalismo e políticas sociais, ele critica a Reforma Trabalhista. Acredita que proporcionará uma redução nas estatísticas de desemprego, mas, ao mesmo tempo, resultará na precarização do tipo de emprego a ser gerado nos próximos anos. O economista se mostra pouco otimista com a retomada da economia brasileira em 2017.

Pioneiro: O mercado de trabalho é um dos principais temas enfocados em seus livros. Como o senhor avalia os possíveis desdobramentos da Reforma Trabalhista?

Márcio Pochmann: Está em curso uma nova configuração do capitalismo brasileiro, tomando como referência um conjunto de iniciativas. A Reforma Trabalhista é apenas uma parte do conjunto maior. Nessa condição, para analisar a mudança na legislação precisamos olhar o que vai ser o Brasil dos próximos anos, pois a lei não está sendo redefinida para o dia de hoje, mas para os próximos anos. A reforma aponta para um esvaziamento da presença dos sindicatos,

"As estatísticas do desemprego podem cair, mas não terá mudanças no mercado de trabalho"

da Justiça do Trabalho e uma dependência crescente da relação do empregado com o patrão. Possivelmente haverá uma mudança dramática no mercado de trabalho, com uma substituição de empregos assalariados por empregos de novo tipo, empregos PJ (*pessoa jurídica*), por exemplo. Teremos a possibilidade de redução da estatística do desemprego, na medida em que as pessoas com contrato de trabalho intermitente trabalharão duas, três ou quatro horas



ANTONIO SCARPINETTI / UNICAMP, DIVULGAÇÃO

“

Há uma decepção generalizada. Com a Justiça, com os políticos e com o governo

situação como essa, de queda continuada. O crescimento do desemprego é sem paralelo se comparado com os anos 1980 e 1990. Cresceu muito rapidamente e o aumento da pobreza também. Com a continuidade da crise, estamos caminhando para um problema maior de convulsão social no país.

O senhor é um crítico da desindustrialização sofrida pelo país nas últimas décadas. Por onde a indústria poderia começar uma retomada?

O Brasil que saiu da recessão em 1983 tinha a indústria representando 27% do PIB. A recuperação se deu pelo mercado interno, indústria e seus efeitos subsequentes. Na década de 1990, a indústria representava abaixo de 20%, mas ainda era um quinto do produto nacional. Hoje temos uma indústria que representa 8% do PIB, (*nível*) semelhante ao da década de 1910. O tipo de recuperação que é possível é a ocupação da capacidade ociosa. Ou se pode ter uma recuperação sustentada, não apenas pela utilização da capacidade instalada, mas também por investimentos. Um país de proporções continentais como o Brasil não pode pensar seu futuro sem a indústria. Vai ser impossível voltar à estrutura industrial dos anos 1980, mas temos setores que são passíveis de ter uma indústria consolidada. Só as compras do SUS são suficientes para sustentar uma grande indústria de fármacos e todo complexo da saúde. Temos um agronegócio dependente do exterior. Toda parte química não é nacional, parte dos fertilizantes também é importada.

"Há, pelo menos, quatro setores que poderiam sustentar a indústria brasileira"

Ou seja, a industrialização neste setor seria bastante profícua e agregaria valor a esse setor. Outra possibilidade é o sistema de defesa do país, a indústria de defesa. Se juntar a segurança privada com a pública e Polícia Militar dá um universo enorme para montar um grande complexo de defesa. O futuro está no petróleo e no gás, mas são setores comprometidos. Ou seja, há, pelo menos, quatro setores que poderiam sustentar a indústria brasileira.

na semana, por determinado período curto. Isso permite não mais ser identificado como desempregado, mesmo com uma jornada pequena e um salário certamente insuficiente. O desemprego poderá cair do ponto de vista estatístico, sem que isso signifique uma mudança substancial no mercado de trabalho.

O senhor acredita que os sindicatos atendem aos anseios dos trabalhadores? Por que tantos trabalhadores estão desencantados?

Não sei se é um desencanto com o sindicato ou com as instituições no Brasil. Não consigo perceber que a sociedade brasileira esteja encantada com os partidos políticos, com a Justiça ou com os governos. Há um desencantamento generalizado. Talvez isso tenha a ver com a forma com que fazemos a política, a forma com que fazemos a atuação sindical. De alguma forma está relacionado ao ciclo político da Nova República, que se iniciou em 1985 e veio até 2016 sem realizar as reformas profundas. O Brasil não modificou profundamente o seu sistema político-partidário, não fizemos mudanças na forma das empresas e dos sindicatos atu-

arem. O país pouco oxigenou as instituições. Não me parece que seja um problema exclusivo dos sindicatos (*de trabalhadores*). Se olharmos a taxa de sindicalização dos empresários, menos de 5% das empresas são filiadas aos sindicatos patronais.

O senhor vê saída da recessão em 2017?

Se analisarmos a evolução dos dados da atividade econômica do IBGE, o chamado PIB trimestral, nós observamos que a economia entra em recessão no início de 2015 e se aprofunda até o quarto trimestre de 2015. Nos dois primeiros trimestres de 2016, há uma redução da recessão, apontando inclusive a possibilidade de o Brasil no segundo semestre ter saído da recessão. Mas a partir do segundo semestre o PIB voltou a cair novamente. De certa forma, negando o discurso de que a presidenta Dilma (*Rousseff*) não se encontrava em condições de dirigir o país e que seria necessário recuperar a credibilidade e expectativa da atividade empresarial a partir de um novo governo. Uma vez constituída essa fase nova, de um novo governo, a economia não reagiu como esperado. Tivemos uma continuidade da recessão, o que nos coloca em dúvida acreditar que em 2017 de fato teremos

saido da recessão, embora haja indicadores que até permitam olhar dessa forma. Principalmente pela situação externa da economia, o saldo comercial, e também pela força da safra agrícola. Só que tanto o setor externo quanto o agrícola não estão diretamente associados à política econômica. Somam-se a isso a situação fiscal do Brasil, as dificuldades que as administrações municipais, estaduais e o próprio governo federal vêm tendo. Há uma paralisação do setor público, com atraso de pagamentos de salários, de fornecedores. É uma situação realmente complicada para se acreditar que tenhamos de fato saído da recessão.

Essa é a pior recessão que o Brasil já viveu?

De 1980 para cá tivemos três recessões. Uma de 1981 a 1983, outra de 1990 a 1992 e essa terceira iniciada em 2015. O que se diferencia a atual dessas outras duas? Essa é uma crise que temos queda por dois anos subsequentes e possivelmente teremos um terceiro ano de queda, ao menos no ponto de vista da renda per capita. Mesmo que a economia cresça 0,5%, o PIB por habitante vai cair. Não havíamos experimentado ainda uma